



LETRAMENTO CRÍTICO: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL SENADOR GONÇALO ROLLEMBERG/ JAPARATUBA-SE.

Diana Silva Santos¹
Iderlânia Costa Souza²
Marcia Oliveira Moura³

GT7 – Educação, Linguagens e Artes.

RESUMO

A escola deve levar aos alunos práticas de leitura e escrita que sejam significativas para o alunado e que estejam imersas nas demandas sociais. O professor como agente do letramento, deve trazer para a sala de aula questões que sejam relevantes socialmente para que, os discentes mobilizem seus saberes e façam uso da leitura e da escrita de forma consciente e crítica. Então, objetiva-se nesse trabalho observar a construção do letramento crítico, em turma de nono ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Senador Gonçalo Rollemberg localizado município de Japaratuba/SE, a partir da leitura da crônica “Os namorados da filha”, de Moacyr Scliar e discussão sobre os pontos de vista dos alunos sobre a temática do texto. Mostrando assim, a relação entre o letramento crítico insuficiente e a reprodução de discursos. Para tanto, foram utilizados os fundamentos teóricos de Bakhtin (1992; 2006), Rojo (2009; 2012; 2015), Souza (2001) dentre outros que embasaram os argumentos trazidos no texto.

Palavras-chave: Ensino, Língua Portuguesa, Letramento Crítico.

RESUMEN

La escuela debe llevar a los alumnos prácticas de lectura y escritura que sean significativas para el alumnado y que estén inmersas en las demandas sociales. El profesor como agente del letramento, debe traer al aula cuestiones que sean relevantes socialmente para que los discentes movilicen sus saberes y hagan uso de la lectura y la escritura de forma consciente y crítica. En este sentido, se objetiva en este trabajo observar la construcción del letramento crítico, en clase de nono año de la enseñanza fundamental del Colegio Estadual Senador Gonçalo Rollemberg localizado en el municipio de Japaratuba / SE, a partir de la lectura de la crónica "Los novios de la hija", de Moacyr Scliar y discusión sobre los puntos de vista de los alumnos sobre la temática del texto. Para así mostrar, la relación entre el letramento crítico insuficiente y la reproducción de discursos. Para ello, se utilizaron los fundamentos teóricos de Bakhtin (1992; 2006), Rojo (2009; 2012; 2015), Souza (2001) entre otros que basaron los argumentos traídos en el texto.

Palabras clave: Enseñanza, Lengua portuguesa, Letramento crítico.

¹Mestranda do programa de Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da educação básica pela rede estadual de ensino de Sergipe. E-mail: <diana-linguagens@live.com>

² Mestranda do programa de Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da educação básica pela rede estadual de ensino de Sergipe. E-mail: <iderlaniacostasouza@yahoo.com.br>

³ Mestranda do programa de Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da educação básica pela rede estadual de ensino de Sergipe. E-mail: <marcitamura@hotmail.com>



INTRODUÇÃO

A interpretação e a compreensão textual são fatores constantes em queixas de professores de todos os níveis da educação. No entanto, a questão é bem maior do que simplesmente ler, interpretar e compreender. É neste âmbito que surge o conceito de letramento.

Em linhas gerais, define-se o letramento enquanto processo que leva o indivíduo a interagir, de forma eficaz, com a diversidade textual que o cerca. Sendo assim, é mais que ler e escrever, mais que compreender e interpretar.

Rojo (2009; 2012; 2015) aponta o letramento multissemiótico, os multiletramentos e o letramento crítico como a tríade que leva o indivíduo a interagir com os textos que o cercam, de forma proficiente, sendo partes inter-relacionadas que ocorrem simultaneamente num processo contínuo.

Sabendo que a escola é um importante agente neste contexto e que as escolhas didáticas do professor são cruciais para o alcance da eficiência no letramento, a presente pesquisa é norteada pela seguinte questão: de que modo a leitura de texto polêmico, em sala de aula, pode fomentar o letramento crítico do aluno?

Com o intuito de chegar a possíveis respostas, a pesquisa teve como objetivo central observar a construção do letramento crítico, em turma de nono ano do ensino fundamental do município de Japaratuba/SE, a partir da leitura da crônica “Os namorados da filha”, de Moacyr Scliar. Sendo os objetivos específicos: construir sequência didática com enfoque no letramento crítico; discutir os pontos de vista dos alunos sobre a temática do texto e mostrar a relação entre o letramento crítico insuficiente e a reprodução de discursos.

Deste modo, pode-se afirmar que a pesquisa direciona-se para áreas do conhecimento como a Linguística, o ensino de Língua Vernácula e, de forma mais ampla, a Educação.

Para maior compreensão, o presente artigo está assim organizado: primeira seção se refere à teoria que dará subsídios para a análise do corpus que tem como tema principal a relação entre Alfabetização e Letramento. A partir dela, discute-se Letramento Multissemiótico, Multiletramentos e Letramento Crítico. Os autores utilizados para a construção deste suporte teórico foram: Bakhtin (1992; 2006), Rojo (2009; 2012; 2015) e Souza (2001).



Em seguida, apresenta-se a análise do corpus, parte em que serão apresentadas: caracterização da escola e da turma escolhida para a realização da pesquisa, sequência didática aplicada, bem como a discussão sobre os dados coletados. Por fim, as considerações finais em que se mostra a relação entre a análise e os objetivos aqui propostos.

1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Salienta-se que o objetivo do ensino de Língua Portuguesa é habilitar o alunado para que ele seja capaz de empregar a língua de forma adequada às várias situações de interação social. Então, cabe à escola possibilitar a utilização de textos que circulem nas mais variadas esferas de comunicação humana. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP), o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental é alicerçado em diversos objetivos gerais, dentre eles estão:

[...]utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, operando sobre as representações construídas em várias áreas do conhecimento; [...] usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise linguística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica. (BRASIL, 1998, p. 32-33)

Desse modo, para que a escola alcance os objetivos propostos pelos PCNLP, faz-se imprescindível que o ensino de Língua Portuguesa priorize em seu ensino-aprendizagem a utilização dos variados gêneros textuais que circulam em sociedade, pois, na contemporaneidade, não basta que o aluno seja alfabetizado, mas letrado, como defendem Justo e Rubio (2013, p.01): “Hoje em dia, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se revelado uma condição insuficiente para responder adequadamente às demandas da sociedade”. Por alfabetizado, entende-se o indivíduo que sabe ler e escrever de forma mecânica (decodificar letras e sons), o que não garante interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. Já letramento vai além do ler e escrever, é interação do indivíduo com a diversidade textual, de modo que seja hábil a entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos.

Soares (1995, apud ROJO, 2009, p.96) afirma que "Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social." Assim sendo, é preciso atentar para o fato de que o letramento vai além do ler e escrever. É interação do



indivíduo com os diferentes tipos de textos, ou seja, ele pode não ser alfabetizado, porém, ser letrado na medida em que consiga (interagir) compreender e interpretar as informações a sua volta. É importante frisar ainda que cabe à escola levar seus alunos a serem letrados e não somente estarem restritos a saber ler e escrever as palavras. A escola deve levar aos alunos práticas de leitura e escrita que sejam significativas e que estejam imersas nas demandas sociais.

Segundo Rojo (2009, p.98), a escola deve levar em conta que os múltiplos letramentos necessitam ser valorizados. Para a autora,

[...] o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvam a escrita de uma forma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídia, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural.

Letramento é relação dos sujeitos com as práticas de leitura e escrita realizadas sociedade, de modo que sejam capazes de compreender e construir significados em diferentes contextos.

Sabendo disso, Rojo (2009, p. 105) afirma que:

Os novos estudos do letramento têm se voltado em especial para os letramentos locais ou vernaculares, de maneira a dar conta da heretogeneidade das práticas não valorizadas e, portanto, pouco investigadas. No entanto, cabe uma revisão dos letramentos dominantes na contemporaneidade, em especial dos letramentos escolares, por diversas razões. Em primeiro lugar, por causa de como se apresenta o mundo contemporâneo. Podemos dizer que, por efeito da globalização, o mundo mudou muito nas últimas décadas. Em termos de exigências de novos letramentos, é especialmente importante destacar as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação de informação.

Com o advento e ampliação de novas formas de comunicação e informação (celulares, computadores, TV e outros) é necessário que a escola mude suas práticas de letramentos trazendo para o contexto escolar gêneros textuais que estejam e circulem no cotidiano do aluno já que somente os textos trazidos nos Livros Didáticos não abarcam a diversidade de gêneros conhecidos e utilizados pelos alunos. Rojo (2009, p.106) afirma que:

A ampliação de acesso tem impactos visíveis nos letramentos escolares: o ingresso de alunado e de professorado das classes populares nas escolas públicas trouxe para os intramuros escolares letramentos locais ou vernaculares antes desconhecidos e ainda hoje ignorados, como o rap e o funk, por exemplo. Isso cria uma situação de conflito entre práticas letradas valorizadas e não valorizadas na escola [...].



Para Dias et al. (2011, p. 153-154):

A competência discursiva só pode ser adquirida na interação verbal por meio dos gêneros, dentro das práticas sociais. Ela possibilita, ao usuário da língua, transitar de uma instituição a outra, de uma esfera a outra, participar ativamente das práticas sociais específicas de cada instituição e pensar em possibilidades de mudanças nessas práticas.

A ampliação do acesso à educação tem impactos nos letramentos escolares por isso, a escola de hoje é vista como um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos, sempre em contato e em conflito, segundo Rojo (2009). Então, é importante possibilitar a participação dos alunos nas várias práticas sociais que se utilizem da leitura e da escrita na sociedade considerando os diversos letramentos que Rojo (2009) traz: os letramentos multissemióticos, os multiletramentos ou letramentos múltiplos e os letramentos críticos.

1.1 LETRAMENTO MULTISEMIÓTICO

Na sociedade atual, o indivíduo está em contato com textos de diversas linguagens (imagética, visual, verbal, digital, etc.), o que exige dele o conhecimento de vários meios semióticos que possibilitem a construção de sentidos. Assim, a escola deve possibilitar a participação dos discentes nas várias práticas sociais que se utilizem da leitura e da escrita multissemiótica, pois, é necessário relacionar a leitura e a escrita do texto verbal escrito com as outras modalidades de linguagem que estão presentes em textos que circulam nas diversas mídias e suportes.

Para Rojo (2009, p.107),

O conhecimento de outros meios semióticos está ficando cada vez mais necessário no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos, que têm exigido outros letramentos, por exemplo, o letramento visual e que “têm transformado o letramento tradicional (da letra) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta daqueles necessários para agir na vida contemporânea.

Letramento multissemiótico para Rojo (2009, p. 120-119) é entendido como “leitura e a produção de textos em diversas linguagens e semioses (verbal oral e escrita, musical, imagética [...], corporal e do movimento [...], matemática, digital etc.), já que essas múltiplas



linguagens e as capacidades de leitura e produção por elas exigidas são constitutivas dos textos contemporâneo”. Tendo ainda como suporte os diversos mecanismos desde os impressos aos digitais.

A leitura e produção de textos em diversas linguagens e semioses (verbal oral, escrita imagética, corporal, matemática, digital etc.) estão presentes nos textos contemporâneos. Então, é imprescindível o trabalho interdisciplinar em sala de aula a fim de abordar diferentes textos.

Segundo Rojo (2009, p. 105-106):

A multissemiose ou a multiplicidade de modos de significar que as possibilidades multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico trazem para o ato de leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, fala, música) que o cercam, ou intercalam ou impregnam; esses textos multissemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram também os impressos (jornais, revistas, livros didáticos).

Corroborando com as ideias de Rojo (2009), os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, p.47) trazem que “um escritor competente é alguém que, ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e a circunstâncias enunciativas em questão”. Então, a escrita, a partir da leitura e compreensão de diversos gêneros que circulam na sociedade, desperta no aluno o interesse pela produção textual em sala de aula e fora dela. Por isso, cabe à escola possibilitar ao aluno o domínio de diversos gêneros para que os mesmos possam interagir em situações comunicativas diversas por meio da apreciação, compreensão e produção de gêneros dentro e fora do contexto escolar.

1.2 MULTILETRAMENTOS

De acordo com Rojo (2009), conceituar letramentos múltiplos ou multiletramentos caracteriza-se como algo ainda complexo, pois vai além da supracitada questão que embarca os novos letramentos, de cunho multimodal ou multissemiótico.



O termo multiletramentos surgiu a partir de 1996, quando um grupo de pesquisadores dos letramentos, intitulado Grupo de Nova Londres (GNL), publicou, após uma semana de discussões em Connecticut (EUA), um manifesto chamado *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos - desenhando futuros sociais”) (ROJO, 2012).

Tal manifesto apresentava a importância do papel que a escola deveria desempenhar quanto ao desenvolvimento de práticas de leitura e escrita, e isso não se restringia aos novos letramentos associados às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICS), mas também à variedade de culturas existentes nas salas de aula, ou seja, a necessidade de contemplar os conhecimentos, vivências, costumes daqueles que estavam inseridos na situação comunicativa: alunos e professores. Percebe-se a preocupação com uma prática pautada na valorização e no respeito à diversidade cultural, indiscutivelmente, presente numa sala de aula de um mundo globalizado.

Rojo (2012, p. 12) assevera:

O Grupo de Nova Londres é pioneiro: em sua grande maioria originários de países em que o conflito cultural se apresenta escancaradamente em lutas entre gangues, massacres de rua, perseguições e intolerância, seus membros indicavam que o não tratamento dessas questões em sala de aula contribuía para o aumento da violência social e para a falta de futuro da juventude.

Assim, por meio do reconhecimento das TICS, como ferramentas inovadoras de acesso à comunicação e à informação, o GNL, na tentativa de abranger “a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa, cunhou um termo ou conceito novo: **multiletramentos.**” (ROJO, 2012)

Daí a complexidade para conceituar esse termo, já que se deve considerar, de acordo com Rojo (2009, p. 109), “pelo menos duas facetas: a multiplicidade de práticas de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a multiculturalidade, isto é, o fato que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente”. Para compreender e associar essa ideia à escola, ao trabalho de desenvolvimento com a leitura e a escrita, tendo como base os estudos produzidos por Rojo (2012), afirma-se que há uma relação entre multiletramentos e dois conceitos bakhtinianos: as esferas de atividade ou de circulação de discursos e gêneros discursivos (BACKHTIN, 1992 [1952-53/1979]).

Para Baktin/Voloshinov (1992, p.112) "qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais de enunciação em



questão, i.e, antes de tudo pela situação social mais imediata". Ressalta-se, portanto, que na vida cotidiana, o indivíduo transita por diferentes esferas de atividades (doméstica, jornalística, publicitária, escolar, religiosa, burocrática, etc), nas quais vivencia diversas situações e exerce alternados papéis, ora produtor ora receptor, a depender do propósito comunicativo. É importante salientar que indivíduos distintos podem transitar pelas mesmas esferas e produzir significados totalmente diferentes, já que o indivíduo, junto às suas experiências, costumes, cultura, é colocado no centro do ato comunicativo.

O pensamento bakhtiano caracteriza os gêneros discursivos no que “diz respeito “às coerções estabelecidas entre as diferentes atividades humanas e os usos da língua nessas atividades, ou seja, as coerções de práticas discursivas” (ROJO, 2000, p.21). Segundo Bakhtin (1992 [1952-53/1979], p.279), “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.”

Dessa forma, torna-se pertinente citar que esses gêneros são construídos com base em três dimensões que estão vinculadas às condições específicas e finalidades de cada esfera: o tema, que reflete o assunto abordado, o qual é resultado de uma especificidade da enunciação, a forma composicional, ou seja, os modos como os gêneros são reconhecidos estruturalmente, dentro de uma concepção histórica de sujeito e de linguagem, e as marcas linguísticas, que remetem aos recursos linguísticos escolhidos em prol do propósito comunicativo.

Destarte a origem do conceito “multiletramentos” advém do conceito de “letramentos” em uma perspectiva enunciativo-discursiva, logo, as práticas de leitura e escrita, respeitando a perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin (1979), ocorrerão dentro de uma determinada esfera de produção, circulação e recepção baseada nos letramentos críticos que serão comentados adiante. (ROJO 2009; 2012; 2015)

1.3 LETRAMENTO CRÍTICO

De modo geral, o letramento crítico é definido como a habilidade de questionar os discursos que cercam os indivíduos que compõem uma sociedade. Rojo (2009, p. 112) defende que o letramento crítico torna os alunos

capazes de lidar com os textos e discursos naturalizados, neutralizados, de maneira a perceber seus valores, suas intenções, suas estratégias, seus efeitos de sentido. Assim, o texto já não pode mais ser visto fora da abrangência dos discursos, das ideologias e das significações [...].



Ou seja, trabalhar o letramento crítico é fomentar a capacidade reflexiva do aluno de modo que ele seja hábil a não receber os discursos como verdades incontestáveis. Este processo tem relação direta com o que Paulo Freire chamou de **Conscientização**: entendimento politicamente consciente do mundo sócio-histórico e sua relação com a leitura e a construção do conhecimento através de um entendimento da linguagem e os processos de formação de significação. (FREIRE, 2005, p. 242 apud SOUZA, 2011, p.2)

Deste modo, pode-se afirmar que possuir letramento crítico é ter consciência de si mesmo e de suas relações com o mundo como postula Souza (2011, p.4) ao dizer que “o aprendiz deve perceber que seu mundo, sua palavra e seus significados se originam na coletividade sócio-histórica na qual nasceu e a qual pertence.” O aluno precisa ter ciência de que os ditos são construtos sociais marcados historicamente e que apenas possuem sentido quando se leva em conta os objetivos e a produção destes.

Para tanto, segundo o autor anteriormente citado, o letramento crítico implica desempenhar dois atos simultâneos e inseparáveis:

Perceber que o autor produziu determinados significados que têm origem em seu contexto e seu pertencimento sócio histórico; [...] perceber que nossa percepção desses significados e seu contexto está inseparável de nosso próprio contexto e os significados que dele adquirimos. (SOUZA, 2011, p. 4-5)

Assim sendo, ao deparar-se com os diferentes discursos, o aluno deve ser capaz de atentar para quem, onde, quando e por que algo foi dito. E mais, deve ser capaz de questionar-se: por que eu entendo isto quando leio? O letramento crítico leva o indivíduo a perceber que os significados que ele constrói a partir de determinado texto têm raízes em ideologias, crenças e momentos históricos. Transforma os sujeitos em seres ativos atentos para o fato de que o ato de leitura não é isolado, pois, quando lê, o faz com tudo aquilo que se é. Pode-se inferir, então, que a compreensão do texto passa, também, pela compreensão do mundo.

Por esta razão, Souza (2011, p.6) defende que “tanto autor quanto leitor são produtores de textos e produtores/construtores de significação através da linguagem.” Existe, pois, uma relação dialética entre texto e leitor e é função do letramento crítico fazer com que o indivíduo consiga perceber este processo.

Rajo (2009, p. 115) afirma que



o papel da escola na contemporaneidade seria o de colocar em diálogo – não isento de conflitos, *polifônico* em termos bakhtinianos – os textos/enunciados/discursos das diversas culturas *locais* com as culturas *valorizadas*, cosmopolitas, patrimoniais, das quais é guardiã, não para servir à cultura global, mas para criar coligações contra-hegemônicas, para translocalizar lutas locais. Como gosto de dizer, para transformar *patrimônios* em *fratrimônios*. Nesse sentido, a escola pode formar um cidadão flexível, democrático e protagonista, que seja multicultural em sua cultura e poliglota em sua língua.

É função da escola fazer com que o aluno seja capaz de reconhecer as diversas vozes que compõem um discurso de modo que ele consiga transitar com tranquilidade nas esferas discursivas das quais faz parte e para isso, cabe à escola trazer “para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-la vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.” (ROJO, 2009, p. 115)

A escola precisa receber e respeitar as culturas de alunos e professores com toda a diversidade que as compõem. E ao professor (todo e qualquer professor, não apenas o docente de língua) cabe trabalhar textos multiculturais revelando suas finalidades e ideologias para que o letramento crítico seja efetivo.

De acordo com Rojo (2009, p.120), a abordagem de textos na escola não pode ser formal ou conteudista, “mas discursiva, localizando o texto em seu espaço histórico e ideológico e desvelando seus efeitos se sentido, replicando a ele e com ele dialogando.” Sendo assim, pode-se concluir que as palavras-chave para a definição e compreensão do letramento crítico são: reflexão e diálogo.

2. ANÁLISE DO CORPUS

Na aplicação da teoria aqui revisitada foi feito um recorte dando enfoque ao processo de construção do letramento crítico. Neste sentido, foi executada uma sequência didática (constituindo parte do projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Letras de uma das autoras do presente artigo), em duas aulas, em uma turma de nono ano de uma escola estadual no município de Japaratuba/SE. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município fica na zona norte do estado, a 54km da capital sergipana,



com uma população estimada em 16.864 habitantes, numa área de 364.899 km², tendo como principal fonte de renda a agroindústria.

O Colégio Gonçalo, como é conhecido, foi fundado em 12 de janeiro de 1943. Atualmente, o colégio oferta o ensino fundamental de primeiro ao nono ano e educação de jovens e adultos nas modalidades: fundamental e médio. Hoje, conta com 260 alunos matriculados no ensino fundamental, sendo 110 no fundamental menor e 159 no fundamental maior. De acordo com dados do site www.qedu.org.br, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do colégio, hoje, no final do ensino fundamental, é de 2,9. Ressalta-se ainda que, entre os anos de 2013 e 2015, o IDEB da instituição educacional ascendeu, no entanto, não alcançou a meta esperada (6,0). Para este ano, a meta do colégio está em torno de 3,5. Segundo informações do site do Ministério da Educação, o IDEB é um indicador nacional criado para monitorar a qualidade do ensino no país e é calculado de acordo com a taxa de aprovação e as médias nos testes aplicados, neste caso, a Prova Brasil.

Para os especialistas do Ministério da Educação, um bom resultado na Prova Brasil ocorre quando o escore atingido pelos anos finais é maior que o dos anos iniciais, o que significa que os alunos de nono ano devem ser mais proficientes em leitura e interpretação textual que os de quinto ano.

Isto não vem ocorrendo no Colégio Estadual Senador Gonçalo Rollemberg. No ano de 2015, o IDEB do último ano do ensino fundamental menor estava em 3,7, maior que o do nono ano – 2,9. Todavia, as razões para tal não são o foco desta pesquisa. O fato é que o índice para o nono ano, do colégio, revela que os alunos possuem dificuldades em alcançar as habilidades e competências necessárias para a proficiência em língua portuguesa, o que justifica a escolha deste ano do ensino fundamental como foco da pesquisa.

A turma selecionada para a realização da pesquisa é composta por 21 alunos, sendo 09 do sexo masculino e 12 do feminino, com idade variando entre 14 e 16 anos. Todos residem na cidade com a exceção de 04 alunos que moram em povoados pertencentes ao município. A turma foi selecionada pelo fato de ser a única de nono ano e, também, por ser esta a turma que vai fazer parte da Prova Brasil, no corrente ano.

A principal motivação para este trabalho envolvendo a temática proposta deve-se à percepção da reprodução do discurso e de atitudes de caráter machista e abusivas dentro do ambiente escolar como, por exemplo, alunas que abandonaram os estudos pelo fato de seus



namorados/maridos não as permitirem ir para o colégio. A estas meninas, a comunidade japeratubense dá a alcunha de “carregadas”, no sentido de que foram “tiradas” da casa dos pais. Há relatos, ainda, de alunos que tiveram atitudes violentas, verbais e físicas, com suas namoradas, dentro e fora do colégio, e tantos outros que convivem com a violência doméstica, quase diariamente.

Fora dos muros da escola, Japeratuba apresenta números significativos de violência contra a mulher o que mostra que uma pesquisa como esta é mais que necessária uma vez que se defende, aqui, a ideia de que o letramento crítico rompe paradigmas e um trabalho como este pode, de fato, provocar reflexões sobre a realidade.

Para alcançar os objetivos propostos, a sequência didática foi construída em um módulo composto pelas seguintes etapas:

1. Leitura e discussão sobre a crônica “Os namorados da filha” de Moacyr Scliar. A crônica será apresentada aos alunos como uma provocação sobre o machismo com o objetivo de gerar identificação uma vez que retrata o cotidiano de uma adolescente.

2. Questionário de interpretação e compreensão textual contendo as seguintes perguntas: Quais são os personagens do texto?/ Qual o cenário em que a história acontece?/Qual a temática principal do texto?/Qual o objetivo deste texto?/Qual a sua opinião sobre o comportamento da adolescente?/ Qual a sua opinião sobre o comportamento do pai em permitir que a filha durma com os namorados em casa?; Se você tivesse uma filha, você faria o mesmo que o pai da personagem? E se fosse um filho? Por quê? /Como seu pai, sua mãe ou o responsável por você agiria numa situação como esta? Por quê?

Os alunos tiveram o tempo de duas aulas (1h40min) para lerem o texto e responderem as questões. O texto lhes foi entregue em material xerocado pela escola. As questões foram colocadas no quadro branco com piloto próprio para isto e copiadas pelos alunos em seus cadernos. As folhas do caderno foram recolhidas pela professora ao final do processo.

Sendo assim, pode-se afirmar que este trabalho se configura como um estudo de caso de caráter qualitativo por tratar-se da análise de um fenômeno que ocorre em uma situação específica, tendo a sequência didática como instrumento para a coleta dos dados aqui analisados.



Para os fins desta pesquisa, foi feito um recorte nas respostas dos alunos sendo,

	J	G	TY	M	K	T
R1	O pai deu liberdade. Está errado.	Ensina que as mulheres do mundo estão tudo assim.	Ela foi muito ousada em colocar os namorados para dormir dentro de casa.	Tá errado. Se ela quer dormir com o namorado, ela que case. Ela é uma safada.	A filha não poderia levar os namorados para casa. Tem que ter respeito.	Essa menina deveria ter mais respeito com os pais e deixar de ser safada.
R2	Muito errado porque ele deu muita ousadia	É um comportamento de besta. Qual pai vai deixar a filha dormir com o namorado sem tá casado?	O pai dela foi muito liberal e por isso os namorados da filha se aproveitaram.	Eu deixaria porque ele é homem. Não tem nada a perder. Ela pode perder o cabaço e na minha casa não pode.	O pai está errado. Ele dá muita moral. Depois quer cortar e não consegue. Essa menina é uma puta nojenta	Ele não bate bem da cabeça, deveria ter vergonha na cara.
R3	Não, porque eu seria um pai errado.	Não. Se ela pensasse em trazer um homem pra dentro de casa, eu matava o namorado dela. Se fosse meu filho é porque puxou o pai.	Eu botava regra para não deixar ela muito solta.	Meu pai não deixa.	Não porque minha filha tem que me respeitar. Se fosse um filho, eu também não deixava porque eu não vou criar filho para ser putão.	Uma filha, eu não deixaria, mas se fosse um filho eu deixaria.
R4	Não, minha mãe pensa que isso é errado.	Sim, porque senão eu vou para a casa dela.	Muito pelo contrário. Nem com autorização dos pais da menina.		Minha mãe me bateria até sangrar.	Meus pais nunca permitiriam

portanto, analisadas apenas as quatro últimas questões do questionário. Com o intuito de objetivar o trabalho tais respostas foram observadas a partir do gênero, o que dá à investigação um corpus formado por duas categorias distintas: masculino e feminino. Os sujeitos da pesquisa serão identificados por letras escolhidas aleatoriamente.

Categoria 01: Masculino

Categoria 02: Feminino



	Mi	Ni	T	A	J	Ac	V	E	As
R 1	Essa menina não entende o valor da vida.	Ela tem direito de fazer o que quiser. Mas um namorado toda hora em casa é feio demais.	A menina está sendo uma pessoa sem valor. Isso é coisa de mulher safada.	Essa menina está virando uma puta.	É muito feio. Ela não respeita o pai.	Menina de respeito não faz o que ela fez.	A menina quer viver sem pensar no amanhã. Ela se comporta como uma puta.	O comportamento dela é horrível.	Ela foi irresponsável porque o pai deu muita liberdade.
R 2	Ele não sabe educar a filha.	Ele está certo. Melhor em casa do que na rua.	Ele prefere ela em casa porque assim fica mais atento.	O pai não sabe educar da maneira certa.	Ele só fez o que achou melhor para a filha.	Normal. Ele quer ver a filha feliz. Se ele não deixasse, ela podia fazer coisa pior.	Ele é liberal. Ele é o culpado da filha se comportar como uma puta.	Ele é um pai irresponsável.	Muito errada.
R 3	Sim. É melhor dormir em casa do que em outro lugar.	Sim. Apenas um namorado ou namorada. Não trocando toda hora.	Sim. Porque eu daria um voto de confiança.	Sim. Melhor dormir na minha casa do que na casa dos outros.	Eu deixaria, sim. É melhor estar em casa do que na rua.	Filha mulher tem que segurar mais. Filho homem é como passarinho, só aprende se voar.	Não. Meus filhos não serão assim. Debaixo do meu teto só acontece o que eu permitir.	Eu não deixaria.	Sim. Desde que fosse com um namorado só. E se fosse um filho também.
R 4	Eles nunca permitiriam.	Acho que se fosse com um namorado certo, eles deixariam.	Eles não chegariam ao ponto de me dar essa liberdade.	Não mesmo. Eles são muito machistas.	Eles me matavam. O jeito deles de pensar é diferente.	Eles ficariam constrangidos.	Eles não permitiriam para o meu próprio bem.	Meus pais não deixariam.	Não. Não é um comportamento correto.

A partir da comparação entre as duas tabelas acima, algumas considerações podem ser feitas: em sua maioria, tanto os sujeitos da primeira categoria quanto os da segunda verbalizaram que o comportamento da adolescente não é o correto e que homens têm mais liberdade que as mulheres. Pareceu ser natural aos alunos julgar a personagem tomando como base o seu comportamento, o que os levou a utilizar palavras como “puta”, “nojenta” e “safada”.

Seguindo o mesmo raciocínio, os componentes da primeira categoria determinam o pai da personagem como “besta” e “liberal”, sendo este adjetivo tomado em seu aspecto negativo tanto é que em algumas respostas a liberdade dada pelo pai é apontada como a responsável pelo comportamento “errado” da adolescente.

A segunda categoria oscila entre apontar os aspectos negativos e positivos da liberdade dada à personagem. De maneira geral, determinam como “errado” não o fato da personagem dormir em casa com o namorado, mas a inconstância de suas relações.



É preciso atentar para a diferença que tanto a primeira quanto a segunda categoria faz quanto ao tratamento dado a filhos e filhas. A liberdade posta em questão pode ser dada ao homem, não à mulher. Interessante é a comparação feita por uma das componentes da segunda categoria: “filho homem é como passarinho, só aprende se voar”. O que leva à questão: como a filha aprende se a ela não é permitido voar?

Em concordância com a privação de liberdade como o comportamento esperado da figura paterna, todos os sujeitos foram categóricos ao afirmar que seus responsáveis não permitiriam que dormissem em casa com namorado(a).

É possível afirmar, no âmbito desta discussão, que o contato dos alunos com texto provocativo fez com que pudessem expor seus pensamentos sobre o assunto, revelando que o letramento crítico da turma ainda é escasso, pois os alunos, ainda, não conseguem fazer reflexões a partir do dito no texto e apenas repetem o discurso do senso comum em relação às questões de gênero.

Os alunos não se mostraram hábeis para questionar onde e como o texto que leram foi construído tampouco para levantar indagações sobre os seus pontos de vista sobre a temática (Por que eu digo que adolescentes que se comportam como a personagem são “putas”, “safadas”? Por que eu vejo um pai que dá liberdade a sua filha como um “besta”?). Isto mostra que o letramento crítico não será alcançado com uma sequência didática, em apenas duas aulas, pois ele é um processo contínuo conforme aponta Rojo (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base tudo o que fora exposto, pode-se afirmar que o letramento é um dos aspectos mais relevantes do ensino de língua vernácula, bem como da educação, pois é a partir dele que se forma indivíduos críticos e conscientes.

No entanto, por ser um processo contínuo, o letramento, especificamente o crítico, não pode ser observado apenas a partir da leitura de determinado texto isolado. A escolha do texto “Os namorados da filha”, de Moacyr Seliar se mostrou eficiente para levantar o ponto de vista dos alunos sobre a temática, porém, não se pôde ver a construção concreta desse tipo de letramento. Supõe-se que isso tenha ocorrido em função do pouco tempo destinado à realização da sequência didática.



Por outro lado, é evidente a relação entre a insuficiência do letramento crítico por parte dos alunos e a reprodução dos discursos presentes na sociedade. Por não ter o hábito de questionar-se sobre o que lê, ouve ou escreve, o aluno, de forma inconsciente, repete os discursos produzidos pelos grupos sociais em que está inserido.

O que se espera com esta pesquisa é que ela sirva de premissa para a realização de outros estudos e que, mais que produção de ciência, ela leve para dentro da sala de aula a discussão sobre a importância de formar indivíduos letrados, críticos, conscientes e capazes de provocar mudanças positivas na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Michael [VOLOSHINOV]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

_____. Os gêneros do discurso, IN _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1952-53/1979], p.277-326.

BRASIL. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf)>.pdf. Acesso em: 10 mai. 2017.

BRASIL. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

DIAS, Eliana et al. Gêneros **Textuais e(ou) Gêneros Discursivos: uma questão de nomenclatura? Interacções**, n. 19, pp. 142-155, 2011.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Letramento: o uso da leitura e da escrita como prática social**. Disponível em: <http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Marcia.pdf>. Acesso em 20.06.2017

QEDU. USE DADOS. TRANSFORME A EDUCAÇÃO.
http://www.qedu.org.br/brasil/aprendizado?gclid=CjwKEAjwpJ_JBRC3tYai4Ky09zQSJAC5r7ruTZHtUyCEulTLF8zOFIPILwUjFUMNP9EIVRYw4qJCKxoCgw3w_wcB Acessado em 26 de maio de 2017, às 08h12min



ROJO, Roxane (Org). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 96-121

_____. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

_____; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. Formação de Professores de Línguas – Ampliando Perspectivas**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2001. p. 1-7.